

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

A MITOLOGIA VERMELHA DE 35

A CRIAÇÃO DO MITO NO IMAGINÁRIO ANTICOMUNISTA BRASILEIRO

José Ednaldo do Nascimento

**NATAL/RN
2006**

JOSÉ EDNALDO DO NASCIMENTO

A MITOLOGIA VERMELHA DE 35

A CRIAÇÃO DO MITO NO IMAGINÁRIO ANTICOMUNISTA BRASILEIRO

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do prof^o Almir de Carvalho Bueno, como requisito para a conclusão da disciplina Pesquisa Histórica II.

**NATAL/RN
2006**

Dedico este trabalho aos meus primeiros mestres, Sr. José Barbosa do Nascimento e à Sra. Ivone Pinto do Nascimento, meus pais e à minha madrinha Maria do Socorro.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, ser onipotente que me permitiu trilhar todo este difícil caminho.

Ao Sr. José Barbosa do Nascimento e a Sra. Ivone Pinto do Nascimento, meus pais, pelo amor, dedicação e disciplina na formação do meu ser.

Às professoras Francisca Aurinete Girão Barreto da Silva, mãe do curso, minha e de todos os alunos de História; Maria Emília Monteiro Porto e Maria da Conceição Guilherme Coelho, por acreditarem nos meus trabalhos e durante a vida acadêmica proporcionarem oportunidades para o meu crescimento.

Aos professores Durval Muniz de Albuquerque Júnior, pelas valiosas dicas que me permitiu realizar melhor a pesquisa e Almir de Carvalho Bueno, pela paciência e zelo na orientação deste trabalho.

Aos amigos e companheiros de curso, Thiago Azevedo, Elizângela Gomes e Luzimar Rozas, por emprestarem-me os textos com os assuntos das avaliações nos momentos de dificuldades financeiras e por compartilharem comigo os seus conhecimentos.

À Jorge Tavares de Moraes Filho pela oportunidade que me deu no antigo NEH (hoje NEHAD) e pelos conhecimentos transmitidos.

Às belas e queridas companheiras do NEHAD, Alonne, Aline e Cristina, pelo conforto e acolhimento prestados nos momentos de solidão e pela ajuda com os livros.

Ao Padre Tiago Theisen, pela formação intelectual fora da academia.

À Irmã Neusa Nery Ramos, pelos conselhos, orientações e apoio nos momentos tristes e difíceis de minha vida.

À Luiza Brás da Silva, por “emprestar-me” o seu computador e impressora para digitar e imprimir os meus trabalhos quando eu não tinha o meu.

À Maria do Socorro, professora ilustre, pelo apoio e por aceitar o convite para ser a minha madrinha.

A todos os que zombaram de mim por eu ser pobre, pois na zombaria ganhei forças para continuar o meu trabalho.

À todos que, desde a minha infância, contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação intelectual, artística e profissional.

“Que Deus possa continuar a dar vida longa à todos os que me odeiam, para que eles continuem assistindo de pé à todas as minha vitórias.”

(José Ednaldo do Nascimento)

LISTA DE ABREVIATURAS

- 21° BC – 21° Batalhão de Caçadores
29° BC – 29° Batalhão de Caçadores
AIB – Ação Integralista Brasileira
ANL – Aliança Nacional Libertadora
BC – Batalhão de Caçadores
CPR – Comitê Popular Revolucionário
IC – Internacional Comunista
Komintern – Comitê Internacional Comunista
LCT – Legião Cearense do Trabalho
PC – Partido Comunista
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PP – Partido Popular
PM – Polícia Militar
PRP – Partido Republicano Paulista
PRM – Partido Republicano Mineiro
RN – Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1. MOVIMENTO OPERÁRIO: ORIGEM DO COMUNISMO BRASILEIRO.	10
1.1. A Ação Integralista Brasileira.....	13
1.2. A Aliança Nacional Libertadora.....	17
2. LEMBRAI-VOS DE 35.....	20
2.1. Contexto Histórico do Rio Grande do Norte.....	21
2.1.1. O Sindicalismo e o Exército.....	21
2.1.2. Das Primeiras Manifestações Comunistas à Novembrada de 35.....	24
2.2. O Rio Grande do Norte Sob a Aleluia Nacional da Liberdade.....	26
2.3. A Repressão.....	28
3. A PRODUÇÃO DOS MITOS NO IMAGINÁRIO ANTICOMUNISTA.....	31
3.1. A Demonização do Comunismo.....	34
3.2. Os Heróis Mortos pelos Comunistas em 35.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
BIBLIOGRAFIA.....	44

9

c

INTRODUÇÃO

A terceira década do século XX tem um significado especial na História do Brasil. Revoluções, lutas, guerrilhas e manifestações políticas e militares compuseram o cenário desse período da República. Todas estas manifestações giraram em torno de melhorias nas condições de trabalho e vida não só dos trabalhadores, mas também da população, em especial os operários, que muito se destacaram no campo político-social desde fins do século XIX. Inconformados com a política existente no país, civis e militares tomaram armas para lutar por um governo no qual acreditavam fosse modificar sua vida.

As condições precárias de trabalho já haviam sido denunciadas pelos operários que, a partir do final do século XIX, resolveram agrupar-se formando associações trabalhistas, era o surgimento do movimento operário. As primeiras organizações dos operários surgiram como uma forma de proteger-se contra a exploração dos patrões, eram as associações mutualistas, que prestavam assistência mútua nos casos de doença, acidente e funeral. Inicialmente, tal movimento sofreu repressão dos órgãos do governo que, beneficiando os empresários, declarou as greves ilegais sufocando-as com a polícia ou com as forças do Exército. Com a expansão do movimento, muitos empresários viram-se obrigados a negociar, pois o uso da força contra os operários não estava adiantando. Com a ascensão de Vargas ao poder, o governo passou a regulamentar os sindicatos e grupos que defendam seus interesses.

O movimento operário caracterizou-se por seu bipolarismo sindical quando Getúlio Vargas resolve usar o sindicato como um meio de evitar as idéias comunistas. O comunismo surgiu no Brasil, justamente, no contexto de expansão do movimento operário.

Antes, a discussão que havia dentro do operariado era com relação a atuação do movimento, pois enquanto os anarquistas defendiam que o movimento operário não deveria coligar-se a nenhum partido político, outro grupo passou a defender a idéia de uma organização partidária para alcançar os seus objetivos. Neste contexto, o segundo grupo, inspirado na Revolução Russa de 1917 e aliado a alguns anarquistas dissidentes fundaram o Partido Comunista do Brasil em 1922. Deste modo, a segunda corrente passou a ser predominante no seio do movimento operário levando o sindicalismo à hegemonia comunista. Assim, situar historicamente a formação do movimento operário, sua contribuição para o

surgimento do comunismo no Brasil e os meios pelos quais o governo se utilizou para combater os ideais comunistas são propostas do primeiro capítulo.

Além do movimento operário, vale salientar a atuação dos militares. Com a vitória de Artur Bernardes na campanha eleitoral derrotando Nilo Peçanha (que candidatou-se por uma frente formada pelas oligarquias do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Bahia), o eleito acabou ordenando a prisão do Marechal Hermes da Fonseca devido a comentários feitos por ele contra o presidente. O fato desencadeou o movimento tenentista que caracterizou-se pela rebeldia militar em vários quartéis do país. Mesmo com o fim do movimento, os ideais tenentistas ainda estavam na cabeça dos soldados brasileiros, o que explica a indisciplina nos quartéis. Este fator aliado aos movimentos sindicais que tornavam-se mais fortes com a divulgação do comunismo entre os demais trabalhadores e camponeses, acabou criando um esquema organizado para a tomada de poder pelos comunistas. Os quartéis brasileiros estavam cheios de soldados que aderiram às idéias do PCB, mesmo muitas vezes, sem saber o que elas significavam.

A abordagem das possíveis razões, a supracitada ligação do movimento operário e o Exército, a narração dos acontecimentos do movimento de 1935, mais especificamente em Natal, e o início da repressão são os eixos temáticos que abrem o segundo capítulo.

A repressão iniciou-se no Rio Grande do Norte revestida de perseguição política, pois o Governador do Estado, Rafael Fernandes Gurjão, utilizou-se do movimento para prender e torturar os cafeístas e maristas que haviam se envolvido na insurreição e, até mesmo, aqueles que nem chegaram a participar, mas que por serem opositores sofreram as conseqüências.

Outro aspecto focado já no terceiro capítulo é a produção dos argumentos que alimentaram o imaginário anticomunista pós-35. Neste capítulo, se discute quais foram os elementos que foram transformados em mitos para combater o comunismo. Boa parte dos fatos acontecidos na Insurreição Comunista de 1935 em Natal, em Recife e no Rio de Janeiro, foram modelados conforme os interesses do governo de Vargas, das classes dominantes, da Igreja Católica e do Exército para impregnar na mente da população a séria ameaça que estava representada no "perigo vermelho". Uma das primeiras coisas a serem observadas é a denominação do movimento. Intentona como pretendeu a historiografia tradicional, significa intento louco, uma tentativa de se fazer uma revolta sem o menor sentido.

* Que são ?

Nos primeiros anos após o movimento não se falava em intentona, apenas alguns anos depois, quando teve início a propaganda anticomunista é que o vocábulo passou a fazer parte da História do Brasil e do cotidiano brasileiro. Não só a idéia de 'intentona', mas outros elementos como as formas de agir e as relações existentes entre os que se rebelaram em novembro de 1935, passaram a ser matéria-prima nos laboratórios anticomunistas.

Produziram-se uma série de mitos, criando uma verdadeira mitologia anticomunista objetivando dar suporte à propaganda contra os membros do Partido Comunista do Brasil e seguidores de Moscou.

Um conjunto de temas tentadores e que ligam-se às questões políticas e sociais poderiam ser explorados através deste trabalho, porém a questão base que se tentará responder é quais eram os elementos constitutivos que permitiram a produção da mitologia que forneceu argumentos para a propaganda anticomunista e quem eram os seus produtores.

Pode-se afirmar, com toda certeza, que os mitos foram bem elaborados a ponto de convencer a população e deixá-la "traumatizada", pois até hoje, mesmo com a legalidade do Partido Comunista do Brasil e o envolvimento de muitas pessoas ricas ou pobres, intelectuais ou não com as idéias do PCB, ainda existe um certo temor da população com as idéias do comunismo. Ainda é o medo provocado pela mitologia vermelha.

CAPÍTULO 1

**MOVIMENTO OPERÁRIO:
ORIGEM DO COMUNISMO NO BRASIL**

Os operários brasileiros, que esperavam por mudanças devido as precárias condições existentes para o exercício do trabalho na Primeira República, sentiram-se frustrados com a “Revolução de 1930”, ao perceberem que não houvera rompimento nas estruturas administrativas do país.

O acordo entre os estados de São Paulo (PRP) e Minas Gerais (PRM) predominou por toda a República Velha e demonstrou os primeiros sinais de crise quando o então Presidente da República, Washington Luís Pereira Gomes, oriundo da elite cafeeira, resolveu indicar para seu sucessor outro paulista, Júlio Prestes, em lugar do representante mineiro, Antônio Carlos de Andrada, rompendo o pacto existente entre as duas oligarquias. A oligarquia gaúcha protestou contra a indicação de Washington Luís e aliou-se à oligarquia mineira que se sentiu traída. Formou-se, então, uma frente chamada de Aliança Liberal que reuniu elementos das oligarquias gaúcha, mineira e paraibana.

Como já era de se esperar, os resultados favoreceram a Julio Prestes, que derrotou o candidato gaúcho Getúlio Dornelles Vargas. Este, sentindo-se prejudicado pelas práticas dos coronéis, que inclusive era exercida por seus aliados no Rio Grande do Sul, resolveu, ao lado dos demais governantes locais, planejar um levante armado que se daria, conforme programado, em outubro.

Era preciso apenas um motivo que justificasse o tal levante, motivo este que não tardou em aparecer. O ex-candidato a Vice-Presidente na chapa de Getúlio Vargas, João Pessoa, acabou sendo assassinado na Paraíba. O acontecimento seria um fato sem tanta importância se os aliados do Presidente da República no estado natal da vítima não fossem os causadores do delito. Vargas viu no assassinato de seu aliado o motivo para dar início ao movimento historiograficamente conhecido como a Revolução de 1930.

Acontece que, sendo vitorioso, o novo poder constituído não mudou em nada as condições sociais do Brasil. Getúlio Vargas assumiu a Presidência Provisória do país após um

muuito forte?

governo de dez dias exercido por uma Junta Militar.¹ Os novos detentores da administração frustraram as expectativas da classe trabalhadora.

Desde a Primeira República, os sindicatos vinham exigindo uma grande quantidade de direitos que, embora tenham sido apresentados pelos decretos do Governo Provisório, não se viam respeitados pelos patrões.

As razões reivindicatórias não se restringem, entretanto, à ambigüidade entre direitos legais e realidade. Outros fatores levam o operariado à greve: reivindicação por novas leis sociais, protesto contra as condições de trabalho, greves de solidariedade política etc.²

Por causa dessas reivindicações, a classe trabalhadora viu-se necessitada de uma organização de suas atividades, para tal fim reuniu-se em sindicatos. O movimento operário teve início em fins do século XIX na cidade do Rio de Janeiro e depois, paulatinamente, expandiu-se para o restante do país. Porém, um grande problema assolava a organização dos trabalhadores: a heterogeneidade. “A composição social dos trabalhadores do Rio de Janeiro era bastante heterogênea. Os trabalhadores eram oriundos de lugares bem diferentes.”³ Segundo a professora Maria da Conceição Pinto de Góes⁴, esta heterogeneidade era problema no tocante a composição física dos trabalhadores.

O maior problema encontrado pela classe trabalhadora, porém, foi a forma de como se lutaria pelos direitos que tanto exigiam. Desde o seu surgimento no Brasil, em fins do século XIX, o movimento operário era movido pelos ideais anarquistas, ou seja, “o método de luta utilizado era a ação direta, colocando-se contra qualquer tipo de organização ou partido político que representasse a classe operária.”⁵ Esta primeira corrente defendida pelos anarquistas acabou fazendo com que os trabalhadores perdessem o interesse pela política, permitindo que oligarcas conservadores reprimissem as manifestações operárias.

¹ SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 21.

² CARONE, Edgar. *A República Nova (1930-1937)*. 2. ed. São Paulo: Difel, 1976. p. 107.

³ GÓES, Maria da Conceição Pinto de. *A formação da classe trabalhadora: movimento anarquista no Rio de Janeiro, 1888-1911*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. p. 26.

⁴ Idem, *Ibidem*.

⁵ COSTA, Sérgio Amad. *O C.G.T. e as lutas sindicais brasileiras (1960-1964)*. São Paulo: Grêmio Politécnico, 1981. p. 17.

Esta corrente passou a ser questionada devido sua limitação nas conquistas dos direitos dos trabalhadores e a crescente falta de organização e articulação dos movimentos, gerando a prisão em massa de vários elementos que dirigiam os sindicatos, passando então os trabalhadores a viverem em conflitos constantes com o governo.

Neste contexto, há a mudança de ideologia e liderança anarquista para a comunista no meio operário. Surge a idéia da formação de um partido proletário e a expansão da sua atividade política para todas as formas de trabalho.

Os comunistas tiveram a preocupação de organizar as massas camponesas para o movimento reivindicatório por melhores condições de vida e por mudanças e participação política. Trabalhadores oriundos dos sindicatos anarquistas, pouco a pouco, foram deixando os grupos ligados a essa ideologia e, alguns deles, em 1922, tiveram papel importante na fundação do Partido Comunista do Brasil.

Sendo seus fundadores militantes do movimento operário, esse partido já nasce com alguma representatividade no seio da classe trabalhadora, limitada até então pela ação direta anarquista. Mas é a partir de 1927 que os comunistas começam a disputar a hegemonia com os anarquistas no movimento operário, com a criação do Bloco Operário e Camponês, utilizado como cobertura legal para a ligação do partido com as massas e exercendo papel importante no plano político como organização legal de Frente Única com objetivos eleitorais⁶.

Com o crescimento do movimento sindical, o governo reagiu restringindo o direito de reunião aos operários que estavam trabalhando ativamente nas fábricas e indústrias. Uma outra reação governamental veio mais tarde, quando a 19 de março de 1931, o Governo Provisório decretou o Regulamento de Sindicatos, obrigando cada categoria profissional a ter um único sindicato. Tal medida, porém, só fez ampliar o número de entidades trabalhistas.

O jornal A Platéia, de 11 de novembro de 1935, convocava os trabalhadores para que ingressassem em seus sindicatos, fizessem com que os seus dirigentes lutassem, realmente, contra todas as formas de opressão e, em seguida, que fizessem com que seus sindicatos pudessem manter relações com os demais, evitando o isolamento e o enfraquecimento da

⁶ COSTA, Sérgio Amad. *O C.G.T. e as lutas sindicais brasileiras (1960-1964)*. p. 18.

classe trabalhadora.⁷ Era a chamada União Sindical. Todos os sindicatos, independente da ideologia (trotskistas, socialistas, anarquistas, estalinistas e outros) se uniram formando uma frente única ~~com~~ objetivo de ganhar as eleições estaduais. Estes eventos foram percebidos com grande intensidade em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais e com ~~uma~~ pequena força nos demais estados brasileiros.

Mesmo com esta primeira fase do movimento sindical, no Governo Provisório de Vargas, ^{pass.} que representa uma superação da organização no aspecto reivindicatório e político, os operários ainda sofriam sérias pressões, tanto impostas pelo governo como impostas pelos patrões. Como resposta a estas pressões, ^{pass.} surgem os movimentos grevistas, sendo a primeira greve ainda registrada em 1930.

Esta greve aconteceu em São Paulo, na Fábrica de Tecidos Sociedade Comercial de Gênova, quando os trabalhadores se recusaram a receber cobertores como pagamento dos salários atrasados. Além disso, os trabalhadores reivindicavam 25% dos salários que lhe foram tirados no ano anterior como desconto por apenas quatro dias de trabalho em vez de seis. Uma outra greve aconteceu na Fábrica de Tecidos Assunção e, logo após, uma série de outras alastrou-se pelo estado de São Paulo e pelo Brasil, ocorridas não só nas fábricas de tecidos, mas também em várias empresas de prestações de serviços como a dos lixeiros em São Paulo (dezembro de 1930), a dos ferroviários (1932) e a dos serviços públicos e particulares que tornou-se geral no Rio Grande do Norte (1935).

Foi através destas manifestações que os grupos integralistas e comunistas encontraram oportunidades para divulgarem os seus ideais aos trabalhadores. Conforme já visto, os comunistas foram os que primeiro conseguiram entrosar-se com os trabalhadores, embora os integralistas já estivessem no meio deles, porém sendo observados com desconfiança. Para uma melhor compreensão de como estes dois grupos antagônicos se introduziram no meio trabalhista, será preciso compreender o processo de formação de cada um deles.

1.1. A Ação Integralista Brasileira.

⁷ A Platéia, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1935.

Embora se pense que o fascismo brasileiro foi inaugurado por Plínio Salgado, as correntes desta ideologia já existiam no Brasil desde a década de 20 e segundo Edgar Carone⁸ dividia-se em duas correntes direitistas, sendo a primeira fascista italiana, propriamente dita, e teria surgido nos núcleos italianos que ^{pass} existem no sul do país, exaltando o fascismo de Mussolini, que governava a Itália. A segunda, nunca chegou a se concretizar e se baseava em um fascismo indigenista.

Em 1930, os ^{aram} elementos da primeira corrente, após ensaiar um Partido Fascista Brasileiro em 1928, acabam lançando o seu manifesto e fundam oficialmente o partido com o mesmo nome. Toda a propaganda fascista iniciou-se dentro das colônias italianas através dos clubes, ligas e outras associações, conquistando a simpatia de quem não fazia parte de seus núcleos e chegando tanto aos trabalhadores imigrantes (italianos) como aos membros da elite tomando, por exemplo, Serafino Mazzolini, cônsul geral da Itália em São Paulo desde 1928.

Após a fundação do Partido Fascista Brasileiro, diversos outros de mesma tendência surgiram no cenário político brasileiro tais como a Legião Cearense de Trabalho, Ação Social Brasileira e outros dentre os quais se destaca a Ação Integralista Brasileira. O pensamento integralista inicial, resumia-se na manutenção da ordem, até mesmo pela força se fosse preciso, e o combate ferrenho aos comunistas, elementos maus e provocadores da desordem. Após algum tempo como surgimento de outras correntes dentro do integralismo, falou-se em estruturas sindicais ou governos sindicais. As teorias diziam que somente os filiados aos sindicatos é que poderiam constituir um poder legal na nação e, por isso, todas as esferas do poder, fossem elas central, federal ou municipal, deveriam estar tomadas pelos sindicatos integralistas.

A proliferação dos ideais integralistas no meio sindical se ^{deu} dá como uma forma de impedir a difusão do comunismo entre os trabalhadores, assim diversos partidos sindicalistas fascistas surgem para tal fim. Os integralistas investiam maciçamente na propaganda de sua doutrina e, principalmente, no número de adesões com o propósito de intimidar os comunistas, embora estes números do seu crescimento não seja verdadeiro, o que se comprova nos anos com os acontecimentos de 1937 e 1938 (fechamento da AIB e ataque ao Palácio Presidencial).

⁸ CARONE, Edgar. *A República Nova (1930-1937)*.

Apesar de terem conseguido criar sindicatos, os integralistas foram mais bem recebidos pela elite agrária e burguesa, pois o operariado não via com bons olhos a ideologia fascista. A Ação Integralista Brasileira, grupo integralista de maior atuação, ao ser fundada recebe os protestos das classes dirigentes e dos liberais. Os operários mesmo, em sua maioria, não chegaram a se envolver com o integralismo, devido a suas idéias autoritárias. Estavam eles ligados mais às idéias comunistas que favoreciam mais os trabalhadores do que os ideais integralistas que favoreciam mais a média burguesia e a classe agrária.

Os operários que recebiam o integralismo, que era em menor número, o faziam ou pela influência da Igreja Católica, que apoiava informalmente o movimento fascista, ou pelo medo da ação cruenta movida contra os vermelhos, pois uma das bases do integralismo, conforme já visto, era a ação pela força contra os diferentes, principalmente se esse diferente fosse um comunista. Essa ação violenta dos integralistas ^{era} possível graças à própria milícia do movimento que era chamada de camisas-verde e usavam como símbolo de identificação a letra grega sigma. Os camisas-verde realizavam o trabalho repressivo tão bom que o governo “utiliza o integralismo para amedrontar a burguesia e serve-se de seu caráter policialesco para perseguir e delatar os comunistas e liberais(...)”⁹ Conforme o tempo vai passando os integrantes da AIB tornaram-se cada vez mais violentos e autoritários. Com a realização do Congresso Integralista de Vitória, ocorrido em 1934, organizou-se o estatuto da entidade ^{na qual} onde ficou claro que a AIB tem o objetivo de promover o desenvolvimento moral e o civismo dos brasileiros, bem como implantar o Estado integral no Brasil. Este estado baseava-se em três campos da ordem: na política, ou seja, na doutrina nacional corporativa; na econômica, uma economia dirigida onde predominava o social; e na moral, tida como cooperação espiritual, de onde surge o lema “Deus, Pátria e Família.” A AIB, fundada em 1932 na cidade de São Paulo, foi o grupo dos integralistas que mais se destacou. Embora Héglio Trindade afirme que a Ação Integralista Brasileira foi “o primeiro movimento de massa no Brasil”¹⁰, deve-se considerar que esta massa foi na verdade uma massa de pessoas provenientes da média burguesia e de católicos fervorosos. “Em sua organização interna, baseada em rígida hierarquia, os dirigentes máximos eram, sobretudo, profissionais liberais, altos funcionários públicos e oficiais superiores do Exército e da Marinha.”

⁹ CARONE, Edgar. *A República Nova (1930-1937)*. p. 217.

¹⁰ TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Ed. Difel, 1979. p. 1-2.

Após a formulação do estatuto da AIB e do lançamento de seu manifesto, diversas obras passaram a integrar a literatura fascista nacional daquele tempo. Em muitas delas, a principal mensagem era a exaltação da pátria, o culto ao chefe, as investidas violentas contra os desordeiros, e aqui incluem-se os comunistas, o extremo autoritarismo. Miguel Reale¹¹ afirmava que a finalidade do integralismo era superar os males apresentados pelo socialismo e liberalismo, sindicalismo e solidarismo, bem como identificar Estado e povo, Estado e Nação.

Sobre o integralismo, podemos dizer ainda que recebia o apoio intensivo da Igreja Católica no combate aos comunistas. "O movimento não tinha ligações oficiais com a Igreja Católica, mas não existe a menor dúvida que, no RN, ele recebia apoio ostensivo de bispos e padres que temiam o avanço do comunismo ateu"¹². No episódio conhecido como A Batalha da Serra do Doutor, durante a Insurreição Comunista de 1935, no Rio Grande do Norte, o padre Walfredo Gurgel arregimentou os sertanejos para combaterem os comunistas que se dirigiam ao interior. Em Natal, o jornal A Ordem propagava, além da doutrina católica, os ideais do movimento integralista e a condenação do comunismo ateu. Mas o interessante a ser observado é que apesar do conceito de comunismo ateu, que era freqüentemente usado pela Igreja, qualquer pessoa que fosse adepto do comunismo, ateu ou não, recebia expressa rejeição das autoridades eclesiásticas. Este fato se caracteriza como resposta nos dias de hoje para as contradições existentes no seio da Igreja contemporânea, onde a ala que trabalha com os movimentos sociais e que defendem o socialismo é vista com maus olhos pela ala que ainda preserva a mentalidade dos anos 30 a 80, pois o socialismo é encarado como corrente comunista.

aspas
simples

A Ordem apresenta os comunistas sempre com as expressões extremistas, mais freqüentes, e subversivos, menos usado. Outro aspecto interessante é que só os comunistas ~~que~~ são extremistas para a Igreja, não podendo se dizer o mesmo com os integralistas. Na manchete da edição 107, publicada no dia 01 de dezembro de 1935, quando o movimento comunista já havia sido dominado, A Ordem noticiou: "O fracasso do golpe comunista, a defesa da civilização christã contra a barbaria materialista. Regosijo geral pela victoria da

¹¹ REALE, Miguel. *Perspectivas integralistas*. 2.ed. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1936. p. 108.

¹² CORTEZ, Luiz Gonzaga. *Pequena História do Integralismo no Rio Grande do Norte*. 1. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1986. p. 17.

legalidade.”¹³ Tais exposições feitas já se caracterizam como elementos fundamentais para a formação de uma imagem negativa dos comunista, ainda mais numa sociedade em que a maior parte da população pertencia ao catolicismo.

1.2. A Aliança Nacional Libertadora.

Com o propósito de se reeleger Presidente da República para o mandato de 1934 a 1938, Getúlio Vargas acabou abandonando os seus ideais propostos na Revolução de 1930 e reaproximou-se dos tradicionais grupos agrários estaduais, além de aliar-se aos integralistas. Esta atitude do chefe do Governo Central resultou numa grande frente de movimentação popular que se opôs aos planos de Getúlio Vargas. Esta frente foi a Aliança Nacional Libertadora, “estruturada em março de 1935, no Rio de Janeiro, congregando tenentistas, comunistas, socialistas e democratas, e indicando Luís Carlos Prestes (...) como seu presidente de honra.”

Tendo-se instalado na capital da República, foi iniciado o processo de fundação da ANL nos estados, sua disseminação pelo país acontece de forma surpreendente. Edgar Carone explica que “o crescimento da Aliança se dá pela adesão contínua das massas, mas também com o apoio das lideranças mais progressistas da época,”¹⁴ opinião compartilhada pelo professor Thomas Skidmore ao afirmar que o movimento “conseguiu agrupar grande número de perplexos eleitores da classe média, preparados para suplementar o seu anterior liberalismo com uma dose do progressismo simbolizado pelo fascínio de Luís Carlos Prestes, presidente honorário da ANL,”¹⁵ e reforçada ainda pela professora Denise Monteiro: “Com o lema ‘Pão, Terra e Liberdade’, em alguns meses, essa frente única ganhou o apoio popular e de inúmeras lideranças progressistas do Brasil na época.”[?]

Segundo os diversos depoimentos da época, os ingressantes na ANL, não tinham o desejo de ser comunistas, alguns nem sabiam o que significava comunismo. A maior razão para estas pessoas se tornarem membros da ANL era a inexistência do autoritarismo defendido pela AIB e pela viabilidade de realização de grandes transformações no regime

¹³ A ORDEM, Natal, 1 dez. 1935.

¹⁴ CARONE, Edgar. *A República Nova (1930-1937)*. p. 258.

¹⁵ SKIDMORE, Thomas. *Brasil: De Getúlio a Castelo*. p. 41.

MONTEIRO ?

* ã separa o
sujeito / verbo

social que vigorava no país. Outros ainda justificavam o ingresso nas fileiras aliancistas, a impunidade dos crimes cometidos pelos integralistas contra pessoas inocentes e que foram torturadas, ou até mesmo mortas, sob a acusação de serem subversivas.

Enquanto a Ação Integralista Brasileira realizava suas reuniões em lugares fechados, a Aliança Nacional Libertadora tinha como arma a realização de comícios populares, as grandes reuniões realizadas em meio da rua, reuniões essas que o governo varguista tentou controlar por diversas vezes, fazendo-as recuar, muitas vezes, para os recintos fechados.

No programa da Aliança Nacional Libertadora ^{passa} está a luta contra o imperialismo, o latifúndio e o integralismo. Tal programa assemelhava-se à ideologia das classes operárias, um outro fator que justifica o crescimento acelerado da entidade, pois os operários, em sua grande maioria, ingressaram na ANL. O mesmo programa permitiu uma agregação de vários elementos da sociedade, pois através dele era possível as reivindicações que eram comuns a todos os segmentos sociais e políticos. Além disso, no manifesto da ANL estava explícito a condenação do capitalismo internacional que exauria os recursos nacionais mediante o pagamento dos empréstimos feitos aos países ricos, sendo estes pagamentos feitos só em formas de juros. Assim, os recursos nacionais, conseguidos com suor dos trabalhadores eram enviados para dar lucro aos grandes capitalistas estrangeiros.

O movimento ^{ou} acaba ganhando a antipatia dos integralistas, das classes dirigentes e do governo. Os integralistas acusavam os aliancistas de serem desordeiros por rejeitarem a ordem imposta pela AIB e, além disso, se convertiam numa verdadeira ameaça aos ideais da família e de Deus uma vez que “todos são comunistas.” As classes dirigentes temiam que os sindicatos fortalecidos pela ANL pudessem prejudicar os seus interesses comerciais e temiam a expansão das grandes greves em suas fábricas e indústrias. O governo sentiu-se ameaçado com o grande número de adeptos e temia que os integrantes da ANL pudessem aumentar a sua representatividade no meio político. ?

Justamente por causa destes fatores, o governo promulga ^{ou} a Lei de Segurança Nacional (1935) visando o controle do movimento operário e de todos os órgãos que lutassem em favor de medidas populares. E é baseado nesta lei que Getúlio Vargas, em julho, decreta o fechamento da ANL, que passa então a atuar na ilegalidade. Todos os aliancistas passam a sofrer uma verdadeira perseguição pelas polícias estaduais, pelas milícias integralistas e as oficialidades do Exército.

passa
passam

Nesta entidade, os soldados e sargentos que participaram dos comícios, alguns oficiais que prestaram apoio ao movimento aliancista acabam sendo expulsos ou punidos. Mesmo após os protestos na Câmara Federal feitos pela chamada Minoria Parlamentar, que solicitavam o comparecimento do Ministro da Justiça para que se pudesse provar que a ANL tinha ligações com a III Internacional ou propagava o ideal comunista, “a Aliança permaneceu ilegal, o mesmo não ocorrendo com relação à Ação Integralista Brasileira, que continuou atuando e se organizou efetivamente como partido político nesse mesmo ano.”

Em situação ilegal, a ANL continua ainda a realizar comício-relâmpagos e lançar ataques ao Governo Central e ao integralismo. Getúlio Vargas, por sua vez, intensifica a perseguição ao aliancistas, e muitos são obrigados a fugirem do país para não serem pegos, a prisão seria o menor dos castigos, o mais comum era o caminho das torturas e da morte. Todos são presos sob uma única e “gravíssima” acusação: são propagadores do comunismo, em suma, são comunistas.

Alguns membros da ANL pretendem fundar uma nova entidade política que possa ter o mesmo vigor da que a decretada ilegal tinha, esta entidade seria chamada de Frente Popular Pela Liberdade. Sua fundação deu-se na capital da República e, logo após, um primeiro núcleo é fundado no estado de São Paulo, onde diversos intelectuais e alguns militares assinam o seu manifesto. A nova entidade não teve seu projeto levado adiante devido aos movimentos insurrecionais acontecidos em Natal, em Recife e no Rio de Janeiro. É justamente sobre o movimento, mais especificamente, o que ocorreu em Natal, que será discutido no próximo capítulo.

O significado da classe trabalhadora e da formação dos partidos políticos, bem como a política adotada pelo governo de Getúlio Vargas torna-se extremamente importante para se entender o processo da construção da imagem do comunista e do comunismo que começou a ser retorcida nos anos 20 e 30, se fortaleceu negativamente com a Insurreição Comunista de 1935, sendo este movimento o estopim para a criação dos mitos anticomunistas.

Assim, para se compreender como se deu o início da campanha anticomunista, será preciso também entender o que aconteceu para o surgimento dos movimentos sociais, deste modo foi preciso fazer uma pequena passagem sobre as formas de pensamento político existentes no Brasil nas décadas de 20 e 30.

CAPÍTULO 2

“LEMBRAI-VOS DE 35”

O ano de 1935 apresentou uma singularidade na história do Brasil, alterando os seus quadros político e ideológico. Mas qual teria sido o motivo desta singularidade? O ano tornou-se singular por marcar uma data em que pela primeira vez os comunistas assumiram o poder, por pouco tempo saliente-se, em toda América.

O comunismo existente no Brasil antes de 35 era quase insignificante no cenário nacional, já que quem sempre dominava a cena política da oposição de esquerda eram os anarquistas. Conforme já visto, foi com os movimentos operários, após a Revolução Russa de 1917, que o comunismo passou a fortalecer-se. Os trabalhadores, via sindicatos, passaram a defender o comunismo mais como uma forma de protesto contra as péssimas condições de vida e de trabalho do que como árduos propagadores das idéias de Lênin ou do Komintern. A maior parte dos trabalhadores de nada sabiam dos ideais de Lênin, de Marx, muito menos os de Bakunin. Por estarem sempre reivindicando melhorias para os trabalhadores através de protestos e contestações ao poder constituído, ~~os~~ comunismo passou a ser assemelhado a todo tipo de balbúrdia e desordem pelas autoridades, ^{acontecia} como já ~~era~~ com os anarquistas. ↳

O ponto culminante que deu origem à repressão aos comunistas foi o movimento conhecido por “Intentona Comunista de 35”. Antes deste movimento, o que havia no Brasil era apenas a prevenção contra este “mal”, para que não acontecesse no país o que outros países europeus haviam sofrido, ^{com} mediante os levantes comunistas ocorridos na Polônia, na Alemanha (com Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht) e na Hungria (com o Exército Vermelho de Bela Kun), todos organizados pelos respectivos Partidos Comunistas em 1919 e inspirados na Revolução Russa de 1917.

O movimento passou a ser posto em prática quando Prestes e Olga Benário chegaram ao Brasil, por volta de abril de 35, e deram ordens passo-a-passo para a realização do levante sempre em contato com a sede do movimento em Moscou.¹⁶ Segundo William Waack,¹⁷ o ↳

¹⁶ SOUZA, Itamar de. 1935: os comunistas. *Diário do Rio Grande do Norte*. Natal: Diário de Natal, 1999. Fascículo 5.. p. 134.

Komintern havia dado autorização para que a insurreição começasse quando os líderes comunistas do Brasil achassem conveniente, pois as comunicações entre estes e o comitê na União Soviética eram precárias.

2.1. Contexto Histórico do Rio Grande do Norte.

No Rio Grande do Norte, os comunistas encontraram a situação favorável para a insurreição. O recente processo eleitoral, que dera a vitória à oposição representada pelo candidato do Partido Popular (PP), Rafael Fernandes Gurjão, acabou revoltando os partidários de Mário Câmara e de João Fernandes Café Filho, que integravam as bases governistas de Vargas no estado. Com a confirmação da Justiça da vitória do PP, os dois grupos, que passavam naquele momento para a oposição, promoveram vários protestos alegando que o poder estava novamente nas mãos das tradicionais oligarquias. De nada adiantou, pois em 29 de outubro do mesmo ano, Rafael Fernandes assumia o governo do estado.

Nessa ocasião
Assumindo o governo, Rafael Fernandes promoveu uma reforma administrativa que, em outras palavras, representou uma troca de afilhados políticos. Foi o que aconteceu com a Guarda Civil, criada por Café Filho em 1932, quando este era o Chefe de Polícia. Através do Decreto 19 a Guarda Civil foi extinta e em seu lugar foi criada a Inspetoria de Polícia, que abrigou os partidários do governador e deixou cerca de 300 homens desempregados. O problema é que os demitidos da extinta Guarda Civil não foram desarmados. Os comunistas souberam tirar proveito da situação.

2.1.1. O Sindicalismo e o Exército.

Após a “Revolução de 30”, Café Filho retornou ao estado e começou a trabalhar junto aos sindicatos, tornando-se muito popular. Sua aceitação era tão grande que “até mesmo o PCB mostrava-se confiante na volta do antigo líder da classe sindical do Estado.”¹⁸

¹⁷ WAACK, William. *Camaradas nos Arquivos de Moscou: a história da Revolução brasileira de 1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 203.

¹⁸ MEDEIROS FILHO, Aristóteles. *Organização Sindical no RN após a Revolução de 30*. Disponível em www.seol.com.br/rnaweb. Acessado: 20 de outubro de 2006.

Porém, o movimento sindical no Rio Grande do Norte torna-se bipolarizado quando Café Filho, encarregado de legalizar os sindicatos no estado, nega a autorização de funcionamento de algumas tendências sindicais ligadas ao PCB. Os sindicatos precisavam de uma autorização federal para funcionar e cada estado tinha um agente controlador. No caso do Rio Grande do Norte, Café Filho acabou sendo o representante dos ideais de controle trabalhista de Vargas devido a sua popularidade no meio operário.

Não foi outro o objetivo da “lei de sindicalização” de 1931 (decreto 19.770) que, contrariando a liberdade de associação sindical existente no início do século XX, criou os pilares do sindicalismo de Estado no Brasil. Os sindicatos foram reconhecidos e oficializados pelo Governo, e para obterem “personalidade jurídica” e representar a classe operária, necessitavam além de registro em cartório, ser também reconhecidos pelo Ministério do Trabalho. A lei proibia toda “propaganda ideológica” (leia-se comunista) nos sindicatos.¹⁹

Diante da negativa de registro, o PCB passa a organizar os seus sindicatos de forma independente. Deste modo, havia duas tendências sindicais: os sindicatos legais, diga-se sindicatos cafeístas, e os sindicatos pertencentes à União Geral dos Trabalhadores de tendência comunista.

Assim havia dois grandes sindicatos de força no Rio Grande do Norte, o Sindicato dos Salineiros, em Mossoró e o Sindicato da União dos Estivadores, em Natal. Os membros dos dois sindicatos participaram ativamente dos movimentos promovidos pelos comunistas. Em 1935, com a greve dos operários das estradas de ferro de Mossoró que reivindicavam um aumento de salário que chegava aos 100%, o sindicato dos salineiros de Mossoró e Macau resolveu aderir ao movimento, causando uma greve geral na região já que a economia da localidade era proveniente do sal. “Os empresários, temendo que o movimento considerado de caráter extremista ganhasse proporções maiores, atendem os pleitos apresentados.”²⁰

¹⁹ **MOVIMENTO Sindical no Brasil.** Disponível em: www.ligaoperaria.org.br. Acessado: 20 de outubro de 2006. Por considerar o sindicalismo falido, um grupo de pessoas frustradas com o movimento sindical organizaram-se em uma facção a qual deram o nome de Liga Operária. Para conhecer seu programa e objetivos acessar o site.

²⁰ MEDEIROS FILHO, Aristóteles. Disponível em www.seol.com.br/rnnaweb. Acessado: 20 de outubro de 2006.

No estouro da insurreição na cidade de Natal, o Sindicato da União dos Estivadores teve papel de importância devido ao grande número de seus filiados participarem do movimento. “O maior número era constituído de estivadores, tendo à frente o presidente do Sindicato da União dos Estivadores, João Francisco Gregório. A todos eram dadas orientações para dar vivas a Prestes e à ANL.”²¹ Além destas orientações, os estivadores ficaram responsáveis de guardar o porto de Natal, não permitindo a entrada ou a saída de qualquer navio.²²

Entende-se então que, motivados pela ilegalidade de seus sindicatos, os trabalhadores de tendência comunista passaram a contestar a autoridade do Presidente da República, no caso do Rio Grande do Norte a de Café Filho, contra o Decreto 19.770, que proibia a propaganda comunista nos meios sindicais. A propaganda anticomunista já começa a se desenhar no quadro político brasileiro mais freqüentemente.

Costa

Um outro problema, não só no Rio Grande do Norte, mas em todo o Brasil, era a indisciplina das Forças Armadas desde a “Revolução de 1930”. Eram os ideais do tenentismo que ainda estavam vivos pós-30, apesar da desilusão sofrida por vários tenentes quando Vargas aproximou-se dos grupos oligárquicos. Em diversas guarnições do país, os praças se levantavam contra a ordem estabelecida. Alguns dias antes do movimento eclodir em Natal, alguns soldados do 21º BC assaltaram um bonde que trafegava na Cidade Alta. Estes praças acabaram sendo presos pelo Tenente Santana, que coincidentemente, um tempo depois sofreu um atentado.²³

O motivo destas desordens nos quartéis vai além dos ideais tenentistas. As precárias condições em que os soldados viviam também podem ser consideradas fatores para a revolta e indisciplina dos militares.²⁴

²¹ COSTA, Homero de Oliveira. *A Insurreição Comunista de 1935: Natal - o primeiro ato da tragédia*. São Paulo: Ensaio; Natal: Cooperativa Cultural Universitária, 1995. p. 86.

²² Idem, *Ibidem*. p. 94.

²³ VIANNA, Marly A. G. As rebeliões de novembro de 1935. *Novos Rumos*. n. 34. mar. 2003. p. 12.

²⁴ COSTA, Homero. *Op. cit.*, 138-139.

Os soldados que cometeram o assalto ao bonde acabaram sendo desligados do 21º BC por ordem do General Manoel Rabelo, Comandante da 7ª Região Militar²⁵. Outros praças que estavam na mesma situação de indisciplina seriam desligados em breve.

A expulsão destes militares deixou os comunistas preocupados, pois estes temiam que na segunda-feira, 24 de novembro, seus integrantes fossem os próximos desligados do batalhão. Desde março, segundo Homero Costa, o Capitão Otacílio Alves de Lima do 29º BC de Pernambuco, conversava com os soldados planejando a insurreição.²⁶ Silo Meirelles, homem designado por Prestes para organizar o movimento no Nordeste, estivera em Natal em agosto de 35. Seria mais difícil para o PCB organizar o levante em Natal se os seus integrantes dentro do 21º BC fossem expulsos.

Diante deste impasse, o partido realizou algumas reuniões para decidir o que seria feito e, mesmo sendo contrário, inicialmente, ao adiantamento do levante, aceitou a insistência da ala mais radical, principalmente do cabo Giocondo Dias e do sargento músico Quintino Clementino de Barros. O movimento teve início no domingo mesmo.

2.1.2. Das Primeiras Manifestações Comunistas à “Novembrada” de 35.

Em meados de 35, um comunista que morava na cidade de Açu chamado Manoel Torquato, com um grupo de adeptos, passou a invadir fazendas, saqueando dinheiro e animais, fazendo comícios para mobilizar os camponeses, conclamando-os à luta armada e, em alguns casos, fazendo reféns. O pequeno movimento tratava-se de mais um caso de “subversão” e tão logo as autoridades tomaram conhecimento foram tomadas providências. O caso chegou a ser conhecido nacionalmente causando escândalo na opinião pública, pois eram os comunistas que estavam atacando. Apesar da repressão da polícia, que conseguiu prender os líderes, o movimento não acabou.²⁷ Continuou existindo desarticuladamente até os seus líderes fugirem da prisão e, novamente, encabeçarem com mais ferocidade o movimento. Foi a chamada Guerrilha do Vale do Açu. Embora tenha sido aprovada em uma das assembléias do PCB, a

²⁵ SOUZA, Itamar de. 1935: os comunistas. *Diário do Rio Grande do Norte*. p.135.

²⁶ COSTA, Homero de Oliveira. *A Insurreição Comunista de 1935: Natal - o primeiro ato da tragédia*. p. 140.

²⁷ MEDEIROS FILHO, Aristóteles. Disponível em www.seol.com.br/rnnaweb. Acessado: 20 de outubro de 2006.

guerrilha não recebia a orientação do partido. Por isso, quando a insurreição começou em Natal, o grupo de Manoel Torquato não tomou conhecimento do fato. Talvez o rumo do movimento comunista fosse diferente se, ao eclodir a “Intentona” em Natal, Manoel Torquato e o grande número de salineiros e comunistas existentes na região oeste estivessem em perfeita comunicação. A insurreição em Natal acabou e a guerrilha continuou durante mais alguns meses.

A intenção da guerrilha era a de preparar o movimento de 35 que estava programado para se dar em todo o país, para isto, Manoel Torquato incutia na mente da população o estado de insatisfação, conforme Aristóteles Filho,

criar uma situação defensiva ao surgimento do movimento insurreto nacional. O movimento sindical mossoroense, criado por inspiração do PCB, ganha, cada vez mais, adeptos e consistência na região, alarmando e criando insatisfação na população e nas autoridades.

Alguns historiadores associam a entrada do comunismo na região oeste com a expansão do movimento protestante. É o caso de Manoel Rodrigues de Melo explicando que Manoel Torquato, filho de pai católico, sempre foi rebelde com a religião de sua família e por isso converteu-se ao protestantismo. Como catolicismo e protestantismo não se entendiam, ao primeiro dá-se a santidade por ser anticomunista, ou até mesmo, integralista, enquanto o segundo é a imagem do demônio, teologicamente por contestar a doutrina católica e ideológica e politicamente por ser comunista.²⁸

Sebastião Silvestre, diante do destempero do filho só tinha dois caminhos a seguir: - aceitar ou reprovar. E foi justamente a reprovação o caminho escolhido. Não satisfeito com a reprovação do pai vai Manoel Torquato a Mossoró, trazendo de volta o “pastor” de nome José Mateus, o qual depois de algumas pregações em casa de Sebastião, consegue dominá-lo pelo pensamento e pela palavra. Estava começada a revolução...

²⁸ MELO, Manoel Rodrigues de. *Várzea do Assú*. 1. ed. São Paulo: Edição dos Cadernos, 1940. p. 167. O autor, na mesma página, ainda diz que “de lá veio o crentismo em 1928, como de lá veio o comunismo em 1934. Sem o primeiro não se justificaria o segundo, na Várzea do Assú. (...) onde o crentismo havia iniciado um trabalho considerável de elaboração ideológica.

Ao ingresso do velho patriarca mestiço seguem-se outros, se bem que entre dúvidas e receios de toda espécie.²⁹

Argumentos que, levando para o lado teológico, podem até ser considerados; pois a Igreja Católica alguns anos antes condenara veementemente o protestantismo associando a sua imagem a do demônio. O ponto questionador é no que diz respeito ao protestantismo ser comunista. É sabido que no surgimento da Reforma Religiosa, o protestantismo favoreceu ao capitalismo, inclusive o alemão onde os burgueses pretendiam livrar-se do domínio de Roma e, principalmente, continuar praticando o empréstimo à juros, que era condenado pelo catolicismo como usura. Veremos adiante como este argumento também se configura em um mito anticomunista.

Segundo Luiz Gonzaga Cortez, o historiador Raimundo Nonato da Silva classificou a guerrilha comunista como um movimento sério “cujos componentes eram os maquis daqueles tempos, soltos e desordenados.”³⁰ Raimundo Nonato afirma ainda que, quando saíram do Vale do Açu, os guerrilheiros dirigiram-se para outras localidades como Três Vinténs, Cordões, Serra de Mossoró e Lagedo do Monteiro, onde travaram tiroteio com as forças policiais. Raimundo Nonato continua: “Foi uma guerrilha de cunho extremista, comunista, dirigida por enviados do sul do país que, militarmente, organizavam a resistência pós Novembro de 35. Houve uma morte no campo de batalha que tirou o ânimo dos revoltosos.”³¹

Com o fracasso do movimento comunista em Natal, uma intensa campanha de repressão pelas forças policiais é iniciada. Em 1936, Manoel Torquato é morto, pondo-se fim à Guerrilha do Açu.

2.2. O Rio Grande do Norte Sob a Aleluia Nacional da Liberdade.³²

Conforme já visto anteriormente, a ala radical do PCB optou por adiantar a insurreição a fim de evitar a expulsão de seus elementos que faziam parte do 21º BC. O cabo Giocondo

²⁹ MELO, Manoel Rodrigues de. *Várzea do Assú*. 1. ed. São Paulo: Edição dos Cadernos, 1940. p. 167.

³⁰ CORTEZ, Luiz Gonzaga. *Pequena História do Integralismo no RN*. p. 53.

³¹ Idem, *Ibidem*. p. 53-54.

³² Sob a Aleluia Nacional da Liberdade foi o título dado à manchete do jornal A Liberdade, único publicado pelos que tomaram o poder da cidade de Natal em 23 de novembro de 1935.

Dias e o sargento músico Quintino Clementino Barros iniciaram o levante dentro do próprio quartel do 21º BC, onde localiza-se atualmente a Escola Estadual Winston Churchill. Praticamente não houve resistência, pois todos os oficiais foram presos. Parece unânime, historiograficamente, a opinião de que oficiais não participaram do movimento. Marly Vianna alega que “os revoltosos saíram em busca de algum oficial que dirigisse a rebelião, mas não conseguiram que nenhum aderisse.”³³ Itamar de Souza diz que “os oficiais e demais militares que não aderiram àquele movimento, ficaram presos dentro do próprio quartel.”³⁴

No geral, a única resistência significativa aos comunistas foi a proveniente do quartel da Polícia Militar que resistiu durante cerca de 17 horas. O governador e demais autoridades políticas estavam escondidos. Os integralistas, ferrenhos adversários, desapareceram da cidade. Nem notícia de Cascudo se tem durante o movimento. Aliás, por ser uma figura de respeito em Natal, poucas pessoas se atrevem a estudar ou questionar a sua estada na cidade durante o desenvolvimento da tomada de poder pelos comunistas.

No início da noite, finalmente estando em poder da cidade, os comunistas formam o Comitê Popular Revolucionário. Sabendo que a “revolução” havia começado também no 29º BC em Recife, julgaram ter a insurreição começado em todo o país, o que deu segurança para assumirem abertamente a direção do movimento e distribuir os cargos do CPR entre os membros do PCB. Os revoltosos solicitam carros, dinheiro e alimentos. Inicialmente, o movimento se deu de forma extremamente desorganizada, pois não conseguem impedir que a população comesse saques aos armazéns da cidade. “Apesar dos esforços da Junta para controlar a situação, os dias 25 e 26 foram de assaltos ao comércio local, principalmente de comida, tecidos, vestuário, bebidas e cigarros.”³⁵

O CPR chegou a lançar um decreto no qual baixava o preço do bonde e do pão, além de outras providências como o próprio comitê chegou a divulgar:

Lançamos um programa: bonde barato, pão barato. Demos pão ao povo. Tiramos 10 mil manifestos e falamos pelos alto-falantes, chamando o povo para se unir. Que nós

³³ VIANNA, Marly. As rebeliões de novembro de 1935. *Novos Rumos*. p. 12.

³⁴ SOUZA, Itamar. 1935: os comunistas. *Diário do Rio Grande do Norte*. p. 135.

³⁵ VIANNA, Marly. op.cit. p.14.

queríamos pão, terra e liberdade. [...] Mas o povo não queria trabalhar, só queria gritar: “Viva Prestes! Viva Prestes!” Prestes era a menina dos olhos de lá.³⁶

A discussão quanto a participação popular ainda é muito grande. Porém, parece mais plausível que, realmente, grande parte da população não tenha participado do movimento de 35 após os comunistas tomarem o poder. Os populares que participaram do movimento o fizeram sem saber exatamente o que estava acontecendo. Alguns militares acreditavam se tratar de uma quartelada com o objetivo de estabelecer uma ditadura militar, outros da farda alegaram participar do movimento por querer solidarizar-se com os colegas que foram e seriam expulsos, e outros militares, ainda, disseram participar por não conseguir fugir do quartel.³⁷ Alguns participaram por acreditarem ser uma manifestação contra o governador Rafael Fernandes promovida pelos partidários de Mário Câmara e, até mesmo, de Café Filho, outros julgavam que os acontecimentos tinham apoio de Vargas. Marly Vianna apresenta uma síntese a respeito do que os participantes julgaram tratar o movimento:

Boa parte da população achava que a rebelião era apoiada por Vargas, contra o governo de Rafael Fernandes que havia derrotado Mário Câmara, aliado do governo federal. Muitos aderiram por medo, outros por oportunismo, quando acharam que o movimento tinha vencido. Poucos disseram que o levante era “em torno das idéias de Prestes”. Mas a maioria das pessoas não tinha a menor idéia do que se tratava.³⁸

2.3. A Repressão.

O movimento fracassou em Recife e as tropas do exército estavam se dirigindo para Natal, os integrantes do CPR desesperaram-se e largaram o poder imediatamente com o objetivo de fugir. Não nos cabe aqui apresentar a trajetória da fuga, pois outras pesquisas que tratam do tema especificamente já trabalharam-na. É interessante saber que, com a volta de

³⁶ GOMES, Ângela de Castro. *Velhos Militantes*: depoimentos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. p. 109-110.

³⁷ Tribunal de Segurança Nacional, processos números 2 e 233.

³⁸ VIANNA, Marly. As rebeliões de novembro de 1935. *Novos Rumos*. p. 14.

Rafael Fernandes ao poder, inicia-se uma grande repressão. O governador abriu uma série de inquéritos para apurar a responsabilidade dos envolvidos na insurreição. O que aconteceu, na verdade, foi uma verdadeira perseguição aos cafeistas e maristas, pois, como elementos destes dois grupos participaram do movimento julgando tratar-se da derrubada de Rafael Fernandes, o governador generalizou, aglomerando em um mesmo grupo os que tinham e os que não tinham participado do movimento apenas pelo fato de serem partidários de Café Filho ou de Mário Câmara.

Só depois do levante de 27 de novembro, no Rio, de acordo com a campanha anticomunista orquestrada nacionalmente – e também para justificar a fuga em massa, das autoridades do estado e a nenhuma resistência dos oficiais do 21º BC – que se passou a falar do que fora uma quartelada, legitimada pela anarquia popular, como um movimento cuidadosamente organizado.³⁹

Em 3 de dezembro, os governos estaduais passaram a apoiar-se na Comissão de Repressão ao Comunismo criada pelo governo federal. A propaganda anticomunista passou a ser mais difundida, todos os que eram declarados comunistas estavam sujeitos à vigilância do Estado.

No Rio Grande do Norte, a repressão policial foi organizada pelo tenente Moura. Na verdade, o que ocorreu foi uma série de atrocidades, principalmente no interior do estado, onde o já coronel Moura cometeu uma violência desmedida contra qualquer elemento comunista ou que tivesse atitudes suspeitas como pregar a divisão de bens ou falar em reformas políticas. O historiador Raimundo Nonato da Silva diz que o coronel Moura, “quando saiu de Natal, teria dito ao Governador Rafael Fernandes: Senhor Governador, eu vou para Mossoró cometer violências. E cometeu-as na medida a que pode chegar o desacerto humano.”⁴⁰

Para reprimir, em especial, a Guerrilha do Vale do Açu que ainda estava acontecendo, o governo do estado, através da PM utilizou os mais diversos métodos de violência e tortura contra os comunistas. Muitas pessoas inocentes foram para a prisão. Com a prerrogativa de

³⁹ VIANNA, Marly. As rebeliões de novembro de 1935. *Novos Rumos*. p. 14.

⁴⁰ CORTEZ, Luiz Gonzaga. *Pequena História do Integralismo no Rio Grande do Norte*. p. 54.

manter a ordem, qualquer comunista ou suspeito de comunismo deveria ser pego e posto na prisão, caso não morresse com os espancamentos.

A imagem negativa do comunismo começou a ser mais trabalhada a partir da Revolução de 35 e, nos anos seguintes, seria adaptada à realidade do país até o momento em que o comunismo não representasse mais uma ameaça ao poder constituído ou que pudesse constituir-se.

Os revolucionários de 35 tem um grande saldo a seu favor: o da rebeldia contra as injustiças sociais, o do inconformismo, o da indignação diante de uma sociedade que continuava a reproduzir a casa-grande e a senzala: de um lado os donos do poder, que tudo tinham e tudo podiam, e de outro o povo, miserável, sem trabalho ou explorado nele, sem pão, sem terra, sem saúde, sem educação, sem lazer, e sem liberdade para alcançar uma vida digna.⁴¹

⁴¹ VIANNA, Marly. As rebeliões de novembro de 1935. *Novos Rumos*. p. 2.

CAPÍTULO 3

A PRODUÇÃO DOS MITOS NO IMAGINÁRIO
ANTICOMUNISTA

Após o movimento insurgente nos quartéis de Natal, Recife e Rio de Janeiro, começou uma séria repressão e perseguição aos participantes da insurreição. A política brasileira passou a girar em torno do conflito existente entre comunistas e anticomunistas. O sentimento anticomunista já existia no país antes mesmo da década de 20, porém, durante este período, as questões sociais e o risco político da elite não eram sinônimos de comunismo. Até porquê o grupo que mais chamava atenção do governo e da sociedade pela sua atuação era o grupo dos anarquistas.

O comunismo passa a ser um problema dos grupos políticos e da elite quando, além de outros fatores, Luís Carlos Prestes, famoso pelas marchas e grande líder popular, resolve aderir ao Partido Comunista. Conseqüentemente, sua adesão acabou atraindo uma grande quantidade de populares às fileiras comunistas. Tem-se igualmente como fator do crescimento do ideal comunista a fundação da Aliança Nacional Libertadora (ANL), que passou a reunir um enorme número de adeptos conforme já visto anteriormente. Tais fatos levaram a elite a preocupar-se com o crescimento do comunismo e viu nos defensores destes ideais os seus novos inimigos.

Quanto mais crescia a atuação da Aliança Nacional Libertadora e de Luís Carlos Prestes, mais os órgãos pertencentes à elite e ao governo cuidavam em organizar a resistência aos comunistas.

O professor Rodrigo Patto Motta, em um de seus artigos⁴² afirma que o movimento de 1935 tornou-se notório por seus responsáveis pretenderem assumir o poder através do uso das armas, sendo a situação agravada quando se descobre que seus participantes estavam ligados à III Internacional Comunista (IC).

⁴² MOTTA, Rodrigo Patto. A "Intentona Comunista", ou a construção de uma lenda Negra. *Tempo*, Rio de Janeiro; v. 7. n.13, 2002. p. 190.

Dois pontos chamam a atenção com relação à notoriedade do movimento de 35. o primeiro é no que diz respeito à ascensão ao poder pelas armas. Deve-se lembrar que na História do Brasil, a Insurreição de 1935 não é o único movimento que tem tais características. A chamada Revolução de 1930 e a Revolta Constitucionalista de 1932 tiveram as mesmas propriedades, diferenciando-se apenas nos ideais. Inclusive, o primeiro movimento citado é o melhor exemplo a ser dado, pois Getúlio Vargas e seus aliados depuseram ^{pela} sob a força das armas o governo constituído de Washington Luís, tomando logo em seguida a condução do país; enquanto o segundo almejava a saída de Vargas do poder, utilizando-se das armas, apresentando como justificativa para a guerra travada contra o poder central a reconstitucionalização do país.

O segundo ponto que deve se observar é quanto a exclusividade de 35. É inegável que a elite e o governo passaram a tomar providências após o movimento ocorrido em novembro daquele ano, porém, conforme já visto, nos anos pós-35 houve uma série de articulações comunistas que mereceram o cuidado do governo em controlá-las. A professora Carla Lúcia da Silva, em sua dissertação de mestrado,⁴³ defende a idéia que o imaginário anticomunista passou a ser construído não somente a partir de 35, mas por meio de práticas que se desenvolveram durante um certo período.

Essa discussão nos obriga a não aceitar as discussões que dizem que somente em 1935 estava configurado no Brasil um inimigo porque houve a chamada Intentona Comunista, quando o perigo se tornaria real de fato em novembro de 1935. Tentamos chamar a atenção justamente para o fato de essa construção do comunista como inimigo da nação e todas as suas decorrências deve ser buscada não apenas em 1935, deve ser estudada como um processo histórico.⁴⁴

Embora discordantes no que se refere ao processo de produção do imaginário anticomunista, os dois autores apresentam argumentos conexos com relação ao conceito de inimigo objetivo no qual os comunistas passaram a ser desculpa para a criação de uma série de mitos que justificavam os problemas da sociedade brasileira e que passaram a fazer parte da

⁴³ SILVA, Carla L. *Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 35.

⁴⁴ Idem, *Ibidem*.

propaganda política elitista e governista, sendo vez por outra os discursos mais abrandados ou mais radicalizados, conforme afirma o professor Rodrigo Patto:

Criaram-se, assim, bases para estabelecimento de uma sólida tradição anticomunista na sociedade brasileira, reproduzida ao longo das décadas seguintes através da ação do Estado, de organismos sociais e mesmo de indivíduos, cujo zelo militante levou à constituição de um conjunto de representações sobre o comunismo, um verdadeiro imaginário anticomunista. Tal tradição passou a ser elemento constante nas campanhas e nas lutas políticas, o que não significa que suas manifestações tenham tido sempre a mesma intensidade. Em determinados períodos a presença do anticomunismo foi fraca, quase residual. Mas houve radicalização do fenômeno em algumas conjunturas históricas, sempre ligadas a fases de crescimento da influência do PCB, em particular, e da esquerda, em geral.⁴⁵

Com a idéia de inimigo objetivo, o comunismo passou a ser a explicação dos males sociais, fazendo-se acreditar que, com o extermínio do comunismo, seriam exterminadas também a miséria e a pobreza do país. Sobre esta idéia, Carlos Azambuja escreve que

em primeiro lugar, deve ser firmemente assinalado que a luta contra a miséria e a fome deve dar-se sem necessidades de pretextos, pois assim o exigem a dignidade do homem e a solidariedade humana, independente de qualquer perigo comunista. (...) A experiência tem também demonstrado que dentro de cada país os setores de mais baixa renda não são necessariamente os que aderem aos partidos comunistas e sim os operários mais qualificados, os estudantes e a intelectualidade. Assim, a miséria e a fome não poderiam explicar a filiação marxista-leninista de tantos e tantos profissionais, intelectuais e universitários, a maioria procedentes das chamadas burguesia e pequena burguesia.⁴⁶

A primeira ação anticomunista foi a perseguição aos adeptos do comunismo, conforme já visto no capítulo anterior. Porém, mesmo com a repressão, o número de comunistas crescia cada vez mais. Parece que quanto mais eram presos e torturados, mais despertava o interesse de algumas pessoas em seguirem as orientações do PCB que estava na ilegalidade. Diante

⁴⁵ MOTTA, Rodrigo. A "Intentona Comunista", ou a construção de uma legenda Negra. p. 190.

⁴⁶ AZAMBUJA, Carlos. A luta contra o comunismo. Jornal Velho, 09 dez. 2004.

deste problema, o governo e os setores conservadores da sociedade perceberam a dificuldade de lidar com o movimento comunista. Talvez, a população mal informada caísse nas promessas de paraíso pregadas pela ideologia de Lênin. Assim, o primeiro passo da propaganda anticomunista foi posto em prática: a demonização do comunismo.

Propagandeava-se à população que, vencendo o comunismo, uma série de consequências desastrosas aconteceriam no Brasil. Conseqüências essas como a desordem social, a perseguição à Igreja Católica, o desvio da conduta moral e a “morte” da economia uma vez que, como em Natal, o dinheiro e as propriedades seriam tomadas dos ricos e distribuídas igualitariamente para a população.

Como os argumentos ainda fossem insuficientes, viu-se necessário aplicar o segundo passo que, aliado ao primeiro, consistia ao tempo em que demonizava-se o comunismo, os feitos heróicos daqueles que morreram combatendo as trevas comunistas eram divinizados. Vejamos como se deu o processo de construção dos mitos anticomunistas, quais eram esses mitos e quem foram os seus construtores.

3.1. A Demonização do Comunismo.

Mesmo com a propaganda anticomunista existente, com menor intensidade, antes de 35 e, ainda, com a incorporação de Prestes ao PCB, os argumentos não eram suficientes para convencer a população do “teor maléfico do comunismo”. Porém, naquele momento, o governo tentou mostrar que a situação era outra. Diferentemente de “antes de 35”, quando só havia os avisos de cuidados com o comunismo como ameaça séria diante dos fatos estrangeiros iguais aos que ocorrera na Polônia, na Alemanha e na Hungria seguindo o embalo da União Soviética; agora o Brasil tinha um caso em particular, “tratava-se de um caso real, ocorrido no Brasil, e não de informações relativas a terras longínquas”.⁴⁷

Deste modo, o movimento de 35 adquiriu proporções de “comoção social” após a propaganda conservadora. O governo, principal agente propagador anticomunista, incitava o medo na sociedade de uma repetição de momentos da mesma natureza surgirem no país. Isto causou um certo pânico na população, permitindo que a sociedade civil se manifestasse e

⁴⁷ MOTTA, Rodrigo Patto. A “Intentona Comunista”, ou a construção de uma legenda Negra. p. 190.

exigisse providências ^{de} ao próprio governo, dando-lhe apoio às atividades que fossem por eles realizadas para conter o avanço comunista.

Ao lado do sistema governista, estava a Igreja Católica. Com a volta de Rafael Fernandes ao governo do Rio Grande do Norte, o bispo de Natal, D. Marcolino Esmeraldo Dantas, realizou atos públicos e celebrou missas “em desagravo ao atentado comunista à civilização cristã e em ação de graças a Deus pela vitória da legalidade”.⁴⁸ Para auxiliar o governo na propaganda anticomunista a cúpula católica trouxe de volta uma idéia que já havia praticado no início dos anos 30 e que havia deixado de lado. Tratava-se dos Círculos Operários Católicos. Em Carta Pastoral, o cardeal do Rio de Janeiro dizia que “é sobre a existência do Cristianismo ou a sua negação radical que se trava a luta gigantesca. (...) o que se pretende num esforço de imenso orgulho, é eliminar a Deus da vida humana e construir o futuro sobre o ateísmo mais intratável (...)”⁴⁹ Como ato de defesa da fé cristã, os bispos exigiram do poder constituído que se pusesse crucifixos nas escolas e repartições públicas.

Além dessas medidas adotadas pela Igreja, outras vieram completar o quadro mitológico anticomunista. Uma prática muito comum era a de explorar a imaginação popular com os comentários mais absurdos como, por exemplo, a “denúncia de uma aliança espúria entre o comunismo e outros inimigos do catolicismo”⁵⁰, tais como a maçonaria, o judaísmo, o espiritismo e o protestantismo. Apresentando-se como defensora da ética e da família, a Igreja ainda construiu o **mito da imoralidade** para aplicar aos comunistas. Divulgaram-se muito dois argumentos com relação a “imoralidade comunista”, o primeiro foi o de que “durante a vigência do “governo popular” de Natal, cometeram abuso sexual contra as jovens da cidade.”⁵¹ O segundo argumento foi com relação ao comportamento das mulheres de Prestes (Olga Benário) e Arthur Ewert (Elise Saborowski). As duas teriam comportamentos muito imorais, despertando desejos tanto em seus maridos, como em outros homens.

O **mito do ateísmo** também foi bastante propagado pela Igreja. Os comunistas eram associados ao demônio por serem ateus. A verdade é que, em uma população predominantemente católica como era a dos anos 30, estranha-se que grande parte dos

⁴⁸ A ORDEM, Natal, 07 dez. 1935.

⁴⁹ A ORDEM, Natal, 03 set. 1937.

⁵⁰ GONÇALVES, Marcos. O Anticomunismo no Brasil *HISTÓRIA: Questões & Debates*, Curitiba; n. 39. p. 277-281, 2003. p. 4.

⁵¹ MOTTA, Rodrigo Patto. A “Intentona Comunista”, ou a construção de uma legenda Negra p. 205.

envolvidos na Insurreição de 35, sendo ateus, tivessem o costume de freqüentar missas. Embora pareça contraditório, quem da população questionaria as afirmações da Igreja? Ainda mais sendo estas afirmações referentes ao comunismo? Caso houvesse um corajoso assim, seria logo taxado de comunista. A criação do mito do ateísmo vem do pensamento da Igreja que Marx e seus adeptos eram ateus e, com sua sede de poder, pregavam os bens materiais para a satisfação humana. A maior parte das manchetes de A Ordem trazem claramente esta idéia, tais como “nossas tradições históricas, para provar que o Brasil repele o comunismo materialista e anticristão”⁵² ou “A defesa da civilização cristã contra a barbaria materialista.”⁵³

3.2. Os Heróis Mortos pelos Comunistas em 35.

O principal responsável por divulgar esta propaganda foi o Exército. Para tanto criou-se o **mito da traição**. Os comunistas eram homens que haviam traído a sua pátria ao obedecerem ordens do estrangeiros e, pior ainda, a ponto de colaborarem com um levante traçado pelo Komintern para que este pudesse, via PCB, governar o Brasil. Seria uma submissão do país aos russos. O mito da traição ^{ou} consolidou-se quando os comunistas que estavam no seio dos quartéis, ^{foram} são levados a matarem os seus próprios companheiros de farda que estavam lutando pela legalidade. Os comunistas, segundo o mito, traíram três aspectos importantes que faziam parte do corpo militar.

Além de ser apresentado como uma agressão específica à instituição militar, o levante comunista, supostamente, significaria também um ataque a valores caros à corporação, os quais os revolucionários teriam destruído caso tivessem alcançado a vitória: As Forças Armadas e as Polícias Militares não poderão esquecer jamais as páginas de traição, covardia e luto com que os comunistas tentaram violentar os conceitos de pátria, companheirismo e honra, que se encontram tão arraigados entre os nossos oficiais e praças.⁵⁴

⁵² A ORDEM, Natal, 17 dez. 1935.

⁵³ A ORDEM, Natal, 01 dez. 1935.

⁵⁴ MOTTA, Rodrigo Patto. A “Intentona Comunista”, ou a construção de uma legenda Negra. p. 192.

O mito da traição, leva consigo, dois outros: o da **covardia** e o da **violência**. O mito da covardia surgiu contemporaneamente ao da traição. Um crime cometido fora dos padrões da ética militar ocasionou uma série de relatos deturpados sobre o movimento. Provavelmente, o mito da covardia foi criado por volta dos anos 40, pois não ^{se} encontrou-se nenhuma menção de covardia referente aos comunistas nos primeiros anos após o movimento. Segundo as versões que as Forças Armadas divulgaram nas academias e quartéis, os comunistas tinham o costume de matar o inimigo enquanto eles dormiam. O mito baseou-se em um crime, como já dito, em que o tenente Benedicto Bragança, militar legalista, acabou sendo atingido por um tiro dado por um comunista. O referido tenente não estava dormindo, estava preso e na parte de trás de um automóvel com uma arma apontada para ele, segundo pesquisas do professor e historiador Rodrigo Patto de Sá Motta⁵⁵. Neste caso, o mito da violência pode até ser explicado.

O mito da violência foi criado para apresentar a população a forma cruel e fria como os comunistas costumavam matar os seus opositores. Justamente este mito triforme, o da traição, da covardia e da violência, foi o que deu origem a imagem dos heróis de 35. Passaram a ser heróis todos aqueles que em nome da legalidade lutaram para defender o território brasileiro da “praga” comunista. Para o professor Marcelo Gonçalves os mortos em 35 transformaram-se em espetáculo cívico⁵⁶.

Deste modo, cada localidade onde havia ocorrido os movimentos insurrecionais tratou de providenciar o seu ou os seus heróis para trabalhar no imaginário popular a idéia de que homens morreram, perderam suas vidas defendendo as da população. O professor Rodrigo Patto apresenta esta idéia de civismo e heroísmo:

Para reforçar a imagem de traição atribuída aos comunistas, envidaram-se esforços no sentido de representar os militares fiéis ao governo mortos no combate como heróis. Os que morreram na defesa do regime foram elevados ao “panteão” da pátria, pois os homens responsáveis por sua morte seriam apátridas por natureza. Divulgou-se a idéia que de um lado, o do governo, alinhavam-se homens de bem, bons patriotas e cidadãos dignos, enquanto do lado revolucionário encontravam-se indivíduos vis e bandidos, seres desqualificados, uma verdadeira malta. O combate não teria sido apenas uma luta

⁵⁵ MOTTA, Rodrigo Patto. A “Intentona Comunista”, ou a construção de uma legenda Negra. p. 191.

⁵⁶ GONÇALVES, Marcos. Para nunca mais esquecer: elementos do mito da conspiração no imaginário anticomunista brasileiro. Disponível em: <www.anpuh.com.br> Acessado em: 20 out. 2006.

opondo patriotas a comunistas, mas testemunhara também o medir de forças entre bravura e perfídia.⁵⁷

Assim, as Forças Armadas e o governo apresentavam os fatos de forma maniqueísta para a população. Com atos de violência contra pessoas inocentes quem concordaria que um regime destes se implantasse no Brasil? A produção dos heróis deu certo. Vendo estar tudo conforme os planos da propaganda, o governo estimulava a população a reverenciar os mártires de 1935. Deste modo, por volta de 1936, ^{foi} implantado o 27 de novembro no Rio de Janeiro, ou a semana de 23 a 27 de novembro, para lembrar os heróis mortos nas três cidades da insurreição (Natal, Recife e Rio de Janeiro). “É imprescindível salientar que a tradição de homenagear aos mortos pelo comunismo se instalou como prática precedente ao Estado Novo, e sua elaboração foi um processo concomitante ao recrudescimento das formas jurídicas que visavam combater a subversão política no país.”⁵⁸

No Rio de Janeiro e no Recife, muitos homens morreram e foram reverenciados. Em particular, na Capital da República, os mortos foram enterrados em dois cemitérios, o de São João Batista e o São Francisco Xavier. No primeiro se encontravam os restos mortais dos oficiais, enquanto no segundo estavam os do subalternos. Tem-se início as romarias cívicas aos dois cemitérios. A partir de 1938, o governo ^{ou} torna mais freqüente a propaganda heróica dos mortos em 35 e, para tanto, resolveu construir um mausoléu no cemitério de São João Batista, resolvendo dois problemas: o de qualquer contestação por parte da população que, nos novembros de cada ano, estava comovida pela perda dos heróis e a realização de uma única romaria, pois antigamente se saía de um cemitério, partindo logo após para o outro.

No Rio Grande do Norte, o herói ainda está em construção, pois o assunto é polêmico. Enquanto algumas personalidades, a exemplo do médico Clóvis Travassos Sarinho e João Medeiros Filho, defendem que Luiz Gonzaga era um soldado da polícia, outras, como João Maria Furtado e Luiz Gonzaga Cortez, alegam que ele não fazia parte dos quadros da instituição⁵⁹. Aliás, a segunda corrente é mais plausível tendo em vista que em discussão sobre

⁵⁷ MOTTA, Rodrigo Patto. A “Intentona Comunista”, ou a construção de uma legenda Negra. p. 192.

⁵⁸ GONÇALVES, Marcos. Para nunca mais esquecer: elementos do mito da conspiração no imaginário anticomunista brasileiro. Disponível em: <www.anpuh.com.br> Acessado em: 20 out. 2006.

⁵⁹ FURTADO, João Maria. *Vertentes*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1976. p. 24 e O POTI, Natal, 29 set. 1985.

o assunto, travada por João Medeiros Filho, Chefe de Polícia da Capital em 1935 e o jornalista Luiz Gonzaga Cortez, o primeiro acabou admitindo que falsificou o registro de ingresso do “Doidinho”, alistando-o após a morte⁶⁰. Era a necessidade de se produzir um herói para convencer a sociedade potiguar da violência e crueldade do comunismo.

No dia 23 de novembro, o túmulo de Luiz Gonzaga, vulgo Doidinho, era muito visitado pelas autoridades estaduais, chegando a receber a visita de populares também.

Deste modo, desde que foi instituída até os anos 50 e 60, principalmente quando o comunismo ainda representava uma ameaça séria à nação brasileira, as festividades aos heróis de 35 continuavam sendo muito realizadas para que o povo não esquecesse das atrocidades ocorridas durante o movimento comunista. Era a prática de uma tradição proveniente de um mito anticomunista, pois enquanto tal prática estiver em uso é porque é sinal que a sociedade brasileira ainda continua vivendo do mito.

R. P. D.
é sinal que a sociedade ←
é sinal que...

Nesse aspecto, as tradições inventadas se apresentam como reação a situações históricas novas, e ilustram o contraste entre as inovações do mundo moderno, quer técnicas ou políticas, e a luta pela manutenção de um passado imutável. Por conseguinte, as tradições inventadas dependem de práticas fixas, repetitivas, e são determinadas por um inventivo, mas escasso conjunto de símbolos. Assim, toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal.⁶¹

Para fechar este capítulo, uma nota do professor Rodrigo Patto de Sá Motta a respeito das romarias feitas ao mausoléu dos mortos em batalha no movimento de 1935 e que vigoraram, não só elas, mas toda a propaganda anticomunista, até quando o comunismo não representava mais ameaça aos poderes constituídos.

conflicto
embates ?

A rememoração dos fatos ocorridos em 1935, melhor dizendo, das versões sobre eles, tornou-se uma arma importante da propaganda anticomunista, que para tanto cunhou a expressão “lembrai-vos de 35”. Evidentemente, as comemorações da “Intentona”

⁶⁰ O POTI, Natal, 12 out. 1985.

⁶¹ GONÇALVES, Marcos. Para nunca mais esquecer: elementos do mito da conspiração no imaginário anticomunista brasileiro. Disponível em: <www.anpuh.com.br> Acessado em: 20 out. 2006

adquiriram maior relevo nos momentos em que as campanhas anticomunistas se fizeram mais intensas. No quadro da crise do período 1961-1964, especialmente, o tema foi muito explorado e as “romarias” ao São João Batista tornaram-se atos políticos de grande repercussão.⁶²

⁶² MOTTA, Rodrigo Patto. A “Intentona Comunista”, ou a construção de uma legenda Negra. p. 209.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi possível observar, para se entender o processo de construção do mito anticomunista, precisou-se fazer uma pequena explanação sobre os antecedentes históricos, ou seja, o movimento operário e as insatisfações militares com as políticas oligárquicas. O movimento operário foi um dos principais pilares para o surgimento do comunismo no Brasil. O movimento militar deu um suporte moral e armado aos anseios dos dirigentes comunistas que planejavam tomar o poder pelas armas assim como fizera Getúlio Vargas.

Os três capítulos apresentam uma trajetória de como os comunistas tiveram a sua imagem deturpada no decorrer dos anos, principalmente no período que corresponde aos anos 1940 a 1970. É importante salientar que o movimento insurrecional de 1935 foi o ponto de partida para a criação dos mitos que nutriram a propaganda anticomunista e que tais mitos foram surgindo com mais intensidade no período em que a elite brasileira sentia-se ameaçada de perder o poder. Basicamente, o comunismo foi desculpa “considerável” para que Vargas pudesse prorrogar seu poder para garantir a Segurança Nacional; serviu para que os governos pós-ditadura Vargas pudessem explorar o “perigo vermelho” com a intenção de fortalecer o seu poder com a caça às bruxas, como aconteceu no governo do General Eurico Gaspar Dutra que, para agradar aos Estados Unidos, manteve o sistema capitalista e favoreceu aos empresários, além de romper as relações diplomáticas com a União Soviética e declarar o PCB ilegal, cassando os políticos que haviam sido eleitos pela sigla; serviu como argumento para que o Alto Comando do Exército se instalasse no poder, derrubando o presidente João Goulart, pois sendo este desconfiado de ser “subversivo” por sua aproximação com os países de tendência comunista, a idéia era que ele colocava em perigo a sociedade brasileira e precisava ser deposto.

Foi através da força destes mitos criados durante todos estes governos que os militares implantaram no Brasil uma Ditadura Militar em 1964 que prendeu, torturou e matou inúmeras pessoas. Muitas delas até hoje ainda estão desaparecidas, mas que isto não tem um significado muito grande, pois foi feito para combater o comunismo; caso este vingasse no país, mais gente seria morta... É o que alegavam os militares. Deste modo, toda a perseguição e crueldade ocorrida durante o Regime Militar não foi um crime, mas atos de heroísmo contra uma

doutrina má e perversa proveniente de Moscou prometendo o paraíso enquanto se configurava inferno.

Atualmente já aposentados, os militares que serviram durante a ditadura se vangloriam das crueldades cometidas, uma vez que defendiam “este país de bandidos facinoras, interessados não em defender a [“]democracia[”], mas pelo contrário estabelecer uma ditadura totalitária e assassina, tal qual a história tem mostrado em países onde vingaram tais traidores.”⁶³ Os comentários são interessantes, pois geram questionamentos. Que tipo de democracia foi defendida durante o Regime Militar? Este regime não se configurou em uma ditadura? Não foi assassino a ponto de perseguir e matar várias pessoas inocentes, bastasse que elas se opusessem à sua ideologia? O que dizer de Vladimir Herzog e tantos outros que derramaram o seu sangue para despertar a sociedade? O tal homem só era comunista na concepção dos militares, pois ele declarava abertamente os abusos que o regime praticava.

Nos dias de hoje, apesar de menos freqüente, o medo comunista ainda existe, o que comprova que realmente o mito criado marcou a mente da população brasileira, aliás é aplicável aqui a idéia de que para que o mito exista ele tem que ser acreditado ou como o professor Marcos Gonçalves definiu: “O mito nasce no instante em que o traumatismo social se transforma em traumatismo psíquico”.⁶⁴

Prova da existência deste mito deu-se nas eleições presidenciais de 2002, quando havia o medo da população em dar o seu voto ao candidato do Partido dos Trabalhadores, Luís Inácio da Silva, o Lula; pois assumindo o poder, ele confiscaria os bens particulares para promover uma distribuição entre os pobres⁶⁵ ou ainda, ordenaria os saques aos supermercados e casas com grande quantidade de alimentos para saciar a fome do povo pobre.⁶⁶

⁶³ Trecho de uma carta de uma associação denominada Grupo Potiguar defendendo o Coronel Carlos Brillante Ustra, publicada no JH Primeira Edição, 18 de novembro de 2006. Nesta mesma carta remetida ao jornal, o Grupo Potiguar encerra com o seguinte trecho: “Não podemos abandonar um irmão de armas no campo de batalha, tristemente e solitariamente jogado à boca dos lobos matreiros e oportunistas, vulgares marginais, que apelam a um emocionalismo barato, a ponto de inventar mentiras descabidas de crianças sadicamente torturadas. Basta! Esta onda vermelha tem de saber que não está a navegar em águas desinfectadas, ao contrário aqui nadam tubarões, cujos dentes continuam afiados como dantes, e prontos a agir, caso necessário, e defenestrar a qualquer momento, elementos sediciosos em atacar nossa pátria e democracia.”

⁶⁴ GONÇALVES, Marcos. Para nunca mais esquecer: elementos do mito da conspiração no imaginário anticomunista brasileiro. Disponível em: <www.anpuh.com.br> Acessado em: 20 out. 2006

⁶⁵ Entrevista com o Sr. José Barbosa do Nascimento, Natal, 10 de outubro de 2006.

⁶⁶ Entrevista com a D. Maria das Dores, Natal, 22 de outubro de 2006.

A idéia da conspiração esteve mais presente para a sociedade brasileira depois dos acontecimentos de 1935. Qualquer cidadão que criticasse o governo poderia ser um comunista. Estes comentários tem a utilidade de apresentar e confirmar o impacto que a mitologia divulgada na propaganda anticomunista representou no imaginário popular.

Para concluir o nosso trabalho, um comentário sobre o imaginário popular. O povo, ou o ser humano, tem medo daquilo que não conhece, ou passa a ter depois que o conhece de uma forma desagradável. Foi assim com o comunismo no Brasil. O médico Clóvis Travassos Sarinho alegava muito bem que o comunismo “acerta no diagnóstico e erra no tratamento”⁶⁷ foi uma maneira que o doutor encontrou para dizer que o comunismo identificava os problemas da sociedade e estava em um caminho certo até querer resolver tudo pelas armas... O que causou um certo pânico na população, tornando-se o comunismo um inimigo social.

Terminamos com a análise de Marcos Gonçalves sobre o tema:

No Brasil, foi comum durante décadas, por meio de um expressivo repertório simbólico, a associação de estratégias de conspiração política à prática “subterrânea” e clandestina dos comunistas. As alianças existentes entre o fenômeno anticomunista em algumas de suas especificidades, e a centralidade dada ao tema da conspiração, detalhando o imaginário produzido sobre os comunistas, se constituíram em local privilegiado dos registros que envolveram paixões e ressentimentos políticos.⁶⁸

⁶⁷ CORTEZ, Luiz Gonzaga. *Pequena História do Integralismo no Rio Grande do Norte*. p. 31.

⁶⁸ GONÇALVES, Marcos. Para nunca mais esquecer: elementos do mito da conspiração no imaginário anticomunista brasileiro. Disponível em: <www.anpuh.com.br> Acessado em: 20 out. 2006

BIBLIOGRAFIA

- CARONE, Edgar. *A República Nova (1930-1937)*. 2. ed. São Paulo: Difel, 1976.
- CORTEZ, Luíz Gonzaga. *Pequena História do Integralismo no Rio Grande do Norte*. 1. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1986.
- COSTA, Homero de Oliveira. *A Insurreição Comunista de 1935: Natal - o primeiro ato da tragédia*. São Paulo: Ensaio; Natal: Cooperativa Cultural Universitária, 1995.
- COSTA, Sérgio Amad. *O C.G.T. e as lutas sindicais brasileiras (1960-1964)*. São Paulo: Grêmio Politécnico, 1981.
- DULLES, John W. F. *O Comunismo no Brasil: repressão em meio ao cataclismo mundial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FURTADO, João Maria. *Vertentes*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1976.
- GÓES, Maria da Conceição Pinto de. *A formação da classe trabalhadora: movimento anarquista no Rio de Janeiro, 1888-1911*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- GOMES, Ângela de Castro. *Velhos Militantes: depoimentos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- GONÇALVES, Marcos. Os arautos da dissolução: mito, imaginário político e afetividade anticomunista (1941-1947). 2004. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR, Curitiba. p. 105-124.
- MEDEIROS FILHO, João. *82 horas de subversão*. Brasília: Fundação José Augusto, 1980.
- MELO, Manoel Rodrigues de. *Várzea do Assú*. 1. ed. São Paulo: Edição dos Cadernos, 1940.
- MONTEIRO, Denise Mattos. *Pão, Terra e Liberdade x Deus, Pátria e Família: as lutas sociais e a revolução política no Rio Grande do Norte, no pós-revolução de 30*. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 2004.
- MORAES, Dênis de. *A esquerda e o Golpe de 64: vinte e cinco anos depois, as forças populares repensam seus mitos, sonhos e ilusões*. 2. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- REALE, Miguel. *Perspectivas integralistas*. 2. ed. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1936.

SILVA, Carla Lúcia. *Onda Vermelha*: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SILVA, Hélio. 1935, *A Revolta Vermelha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil*: de Getúlio a Castelo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SOUZA, Itamar de. 1935: os comunistas. *Diário do Rio Grande do Norte*. Natal: Diário de Natal, 1999. Fascículo 5.

SPINELLI, José Antônio. *Getúlio Vargas e a Oligarquia Potiguar*: 1930-1935. Natal: EDUFRN, 1996.

TRINDADE, Hélio. *Integralismo*: o fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo: Editora Difel, 1979.

VIANNA, Marly A. G. *Os Revolucionários de 1935*: sonho e realidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

WAACK, William. *Camaradas nos Arquivos de Moscou*: a história da Revolução brasileira de 1935. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

REVISTAS:

GONÇALVES, Marcos. O Anticomunismo no Brasil. *HISTÓRIA*: Questões & Debates, Curitiba; n. 39. p. 277-281, 2003.

KONRAD, Diorge. O partido sofreu a mais feroz perseguição, foi declarado extinto e - qual a Fênix - renasceu. *Revista Princípios*, São Paulo; n.63.

MOTTA, Rodrigo Patto ^{de} Sá. A "Intentona Comunista", ou a construção de uma legenda negra. *Tempo*, Rio de Janeiro; v. 7. n.13, 2002.

PRESTES, Anita Leocádia. 70 anos da Aliança Nacional Libertadora (ANL). *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre; v. 30, n.1. jun 2005.

VIANNA, Marly A. G. As rebeliões de novembro de 1935. *Novos Rumos*. n. 34. mar. 2003.

JORNAIS:

A Ordem, Natal, 01 dez 1935.

A Ordem, Natal, 03 set 1937.

A Ordem, Natal, 07 dez 1935.

A Ordem, Natal, 17 dez 1935.

A Platéia, Rio de Janeiro, 11 nov 1935.

AZAMBUJA, Carlos I. S. A Luta Contra o Comunismo. Jornal Velho, 09 dez 2004.

O Poti, Natal, 29 set 1985.

O Poti, Natal, 12 out 1985.

SITES:

GONÇALVES, Marcos. Para nunca mais esquecer: elementos do mito da conspiração no imaginário anticomunista brasileiro. Disponível em: <www.anpuh.com.br> Acessado em: 20 out. 2006.

HISTÓRIA do PCB/PPS. Disponível em: <www.pps.org.br> Acessado em: 20 out. 2006.

MEDEIROS FILHO, Aristóteles Estevam de. Organização Sindical no RN após a Revolução de 1930. História do RN n@ web [on-line]. Disponível em: <www.seol.com.br/rnnaweb>. Acessado em: 20 out. 2006.

_____. A Guerrilha do Açu. História do RN n@ web [on-line]. Disponível em: <www.seol.com.br/rnnaweb>. Acessado em: 20 out. 2006.

MOVIMENTO sindical no Brasil: Balanço Histórico. Disponível em: <www.ligaoperaria.org.br>. Acessado em: 20 out. 2006.

ENTREVISTAS:

José Barbosa do Nascimento, Natal, 10 de outubro de 2006.

Maria das Dores, Natal, 22 de outubro de 2006.

?